

MEMÓRIAS JORNALÍSTICAS

J. C. ALENCAR ARARIPE

“Alguém já terá levado em consideração a filosofia do viajar? Talvez compense o trabalho. Que é a vida senão uma forma de movimento e uma jornada através de um mundo estrangeiro? E mais: a locomoção — privilégio dos animais — talvez seja a chave para a inteligência.”

Assim inicia George Santayana um ensaio que intitulou “A Filosofia do Viajar”. Um estudo interessantíssimo e original, porque nos oferece perspectivas de análise que fogem ao comum.

Começa, como se viu, ressaltando um dos atributos do ser animal: o poder de movimentação. E o faz estabelecendo um confronto com a imobilidade vegetal. Não importa que ali, bem pertinho, “haja um solo mais rico ou um recanto mais abrigado ou mais ensolarado”. O vegetal fica “onde a sorte” ou a mão do homem o colocou. O animal, não. Anda, caminha, locomove-se, vence distâncias, por necessidade de sobrevivência ou levado por outros impulsos.

Fixando-se no animal racional, Santayana enumera os tipos de viajante, como o migrante, o colonizador, o pesquisador, o mercador e, por último, o turista, enfocando, em cada um, a natureza dos objetivos que os anima. Esquece, porém, o jornalista.

Mas a febre itinerante, de que falava Joaquim Nabuco, é uma constante na vida do jornalista.

Viajar é uma das mais antigas e profundas aspirações do homem. Quando não a realiza em termos de movimento físico, de deslocamento através de regiões, países ou continentes, procura concretizá-la por meio do livro, que desvenda novos horizontes, alarga as fronteiras da inteligência, ilumina o espírito com novas idéias.

No jornalista, a viagem situa-se como consequência da atividade profissional. Nem sempre objetivando a cobertura de ocorrência relevante e atual, mas, sempre, para fins de observação e colheita de dados com vistas à elaboração de reportagens de conteúdo geral, estudos de natureza política, econômica, social ou religiosa, ou instantâneos de fatos e personalidades objeto de curiosidade e centro de interesse humano.

Hoje, tem o jornalista a seu dispor meios rápidos de comunicação, de tal modo que, em poucas horas, pode encontrar-se no cenário de acontecimentos que reclamam a sua presença atuante. Houve épocas, porém, em que o homem não tinha as facilidades de agora e as notícias andavam muito devagar.

Não é preciso um recuo demasiado no tempo. Fixemo-nos na segunda década deste século. Em julho de 1918, o *New York Times* incumbiu Carl Ackerman de fazer uma reportagem na Rússia sobre a morte do Tzar e sua família. Foi uma longa peregrinação.

De navio Carl Ackerman embarcou para o Japão, de onde seguiu depois para Vladivostok. Tomando um trem nesse porto russo, percorreu cinco mil milhas até alcançar Ekaterinburgo, na Sibéria, onde ouviu o relato de um frade que fizera o diário sobre o fim dramático do Tzar. Seis meses decorridos do dia em que saíra dos Estados Unidos da América do Norte, a reportagem era publicada no *New York Times*.

Em 1973, mal ocorre um conflito armado, e a demora é de horas para que possamos ler, em nossos diários, correspondências do teatro de operações. E tais depoimentos chegam-nos quase ao mesmo tem-

po em que o milagre da eletrônica nos dá a imagem dos combates em curso.

Para Santayana, "a procura do pitoresco é o último e o mais inútil dos motivos para viajar", opinião com a qual não concordaria Joaquim Nabuco, para quem "em minutos pode abrir-se e fechar-se diante dos nossos olhos um espetáculo que não esqueceremos nunca". E o próprio Santayana, contraditoriamente, lhe daria razão, ao sentenciar: "Existe sabedoria em mudar, tantas vezes quanto possível, do familiar para o desconhecido: mantém a mente ágil, acaba com o preconceito e promove o humor." Porque a verdade "é que o mundo está muito em nós e que estamos muito em nós mesmos".

Da minha parte, sou sincero: devo muito, mas muito mesmo, às viagens que o jornalismo me prodigalizou. Em minha Pátria como fora dela. E guardo, como Nabuco, de todas elas, memórias inesquecíveis que recomponho com emoção.

PIO XII

Ir a Roma e não ver o Papa parecia-me o cúmulo de um desinteresse injustificável. Se pessoas de outras religiões e se até as que não crêem em nada não se furtam à satisfação dessa justa e natural curiosidade, como entender-se, então, que um católico procedesse de maneira diferente?

Em tarde luminosa, e de calor intenso também, comum no verão da península, lá me fui, em ônibus com lotação completa, em demanda de Castel Gandolfo.

Vários veículos já se tinham encaminhado na mesma direção, outros mais viriam depois. Era dia de audiência pública de Sua Santidade e a legião dos turistas não queria perder o acontecimento, excepcional para quem por ali estava de passagem, em visita à antiga capital dos Césares.

Em toda a excursão, que se faz pelas ruas de Roma ou seus arredores, um rapaz ao alto-falante levava o tempo a explicar aos passageiros um pouco da vida dessa cidade tão cheia de história, cidade em que cada pedra fala de um passado remoto que emociona a alma da gente.

No ônibus em que ia não faltava o moço palrador. Falava, como geralmente acontece, quatro línguas: italiano, francês, inglês e espanhol. Muito raro, pois, quem não o pudesse entender a contento.

Pela estrada asfaltada, o veículo ganha as alturas de um morro onde florescia uma cidadezinha: Frascati. Pela sua posição estratégica, obrindo um extenso vale, serviu, à época da guerra, de quartel general das tropas alemãs.

A demora foi de poucos minutos. O bastante apenas para que se tomasse o gostoso vinho fabricado na localidade. Logo mais, avançava-se em direção a Castel Gandolfo.

A morada de verão do Papa fica à margem do lago Albano, belo e imponente lago, de águas esverdeadas e tranqüilas. Um panorama deslumbrante, que não se esquece mais, tal a dominadora impressão que deixa e que se fixa na retina desde os primeiros momentos.

O lago Albano originou-se de um vulcão extinto. Tem 12 quilômetros de circunferência e 150 metros de profundidade. A sua altitude é de 293 metros.

Castel Gandolfo é uma vila de ricas residências. Goza de clima salubre e é um sítio de magníficas perspectivas. O palácio papal, que aí foi construído, data da época de Urbano VII. De 1870 a 1929, os Sumos Pontífices não o habitaram, porque se consideravam prisioneiros do Vaticano, como protesto contra a atitude hostil do Estado, situação essa que somente se resolveu com a assinatura dos tratados de Latrão.

O ônibus estaciona um pouco distante do castelo, porque outros a ele já se haviam adiantado. A afluência parecia das maiores.

A entrada, soldados italianos faziam o policiamento. A Guarda Suíça é reservada para as ocasiões solenes. Embora fosse dos últimos a chegar, consegui ficar bem na frente, em ótimo local.

O pátio interno regurgitava. Centenas de pessoas aguardavam, com indisfarçável ansiedade, o instante em que Sua Santidade deveria apresentar-se. Entoavam-se hinos; de quando em vez, partia de um grupo de militares italianos a exclamação: "Viva o Papa", ao que a multidão respondia com entusiasmo.

Um funcionário do Vaticano surgiu à janela e cobriu com um manto o balaústre de onde o Vigário de Cristo haveria de falar àquela vibrante assistência.

Quando o Papa apareceu, foi uma ovação geral, um verdadeiro delírio. De todos os quadrantes da praça, levantaram-se mãos em saudação ao Sumo Pontífice. Aplausos uníssonos fizeram-se ouvir.

Ali me encontrava diante de Pio XII, uma das personalidades marcantes deste século. Surpreendia-me a sua fortaleza física, já que estivera doente, em estado de saúde que muito preocupara ao seu imenso rebanho.

Da sua figura se irradiava um halo de santidade que somente os bons sabem e podem ter. Os seus gestos, os seus movimentos, as suas palavras eram expressão de uma inata e profunda bondade, que até aos incrédulos toca e comove.

Pio XII dirigiu-se a cada um dos agrupamentos, de diferentes nacionalidades, concentrados em Castel Gandolfo. Expressou-se em italiano, francês, espanhol, inglês, alemão e português.

Quando declinou o nome do Brasil, a comoção que me dominava alcançou o auge. E com os olhos marejados de lágrimas mal consegui divisar os cearenses da peregrinação inaciana e que, do alto do castelo, prorromperam em frenéticas aclamações a Pio XII.

Tenho assistido a acontecimentos memoráveis, na minha pátria como fora dela. Participei das comemorações do centenário de Rui Barbosa em Salvador e estava naquele turbilhão humano que desfilou em homenagem ao insigne brasileiro. Das alamedas dos Campos Eliseos, quase em frente ao Arco do Triunfo, cenário de tantas glórias da França, contemplei a parada militar da data nacional do 14 de julho. Estive em Lisieux, em Fátima, em Notre Dame, na Catedral de Colônia, na Basílica de São Pedro, nas catacumbas de São Calisto, em Batalha e nos Jerônimos, estive em muitos locais sagrados pela religião ou pelo patriotismo e celebrados no mundo pelos seus atrativos turísticos. Daqui, dali, dacolá, do Brasil como dos Estados Unidos e de vários países da Europa, guardo recordações inesquecíveis. Mas, as que me ficaram de Pio XII ultrapassam a quaisquer outras, porque toadas de um sentido de espiritualidade com que não me deparei mais em parte alguma.

FOSTER DULLES

Nas escadarias do Capitólio, naquela manhã de sol ardente de junho, aguardava, juntamente com outros jornalistas, o momento em que devíamos penetrar nos grandes e imponentes edifícios onde funcionam as duas Casas do Congresso.

Enquanto não chegava a hora exata da visita, aproveitávamos os instantes que a antecediam para a contemplação do belo panorama que se descortinava e que constitui um dos aspectos mais representativos da capital norte-americana.

Em cenário de cartão postal, natural que cada um procurasse também colher alguns flagrantes fotográficos da paisagem urbana. E estávamos todos nesse movimento, quando alguém nos advertiu:

— Foster Dulles.

Era o Secretário de Estado que passava e se dirigia para um automóvel que o esperava. Vinha da Câmara dos Deputados e até há poucos minutos participara de trabalhos em comissão especializada, na qual fizera exposição sobre auxílios ao estrangeiro.

Olhei para Foster Dulles e não senti qualquer surpresa ao contemplar aquela personalidade de invulgar projeção internacional.

Era a mesma figura que já me habituara a observar, através da imprensa ou dos jornais cinematográficos. Alto, um tanto corcunda, simples, sem afetação, andar firme e resoluto.

Algumas horas depois, tive outra oportunidade de deparar-me com Foster Dulles. Foi por ocasião da conferência semanal com a imprensa nacional e estrangeira, em sala para esse fim destinada, no Departamento de Estado.

Durante quase uma hora, submeteu-se a uma autêntica sabatina com jornalistas de várias nacionalidades. E era de ver a acuidade mental com que a todos respondia, safando-se rápida e inteligentemente de embaraçosas perguntas que lhe lançavam dos quatro cantos da sala, repleta por uma assistência ávida de notícias e sensação.

Em Foster Dulles, como Secretário de Estado, eis o que mais se admirava: o seu labor diuturno, a atividade ininterrupta que desenvolvia, verdadeiramente surpreendente para um homem da sua idade.

No desempenho dos seus encargos, parecia um dínamo. Hoje, estava em Washington, amanhã em Bonn, Paris ou Londres. Se assim o determinassem os acontecimentos, largava-se para Roma, Ancara ou Beirute, atingia os confins do Pacífico, vencida distâncias imensas em missão junto aos governos da Índia, das Filipinas, do Japão ou de Formosa.

Onde fosse necessária a sua presença, como chefe do Departamento de Estado, aí ele estaria. E foi com essa insuperável disposição de trabalho que se tornou um dos estadistas mais viajados do mundo, havendo percorrido mais de 800 mil quilômetros em vôos sucessivos pelos céus de todos os Continentes.

Somente uma pessoa, dotada de inquebrantável força de vontade e animada por uma fé viva e ardente nos princípios que defendia, seria capaz da energia tenaz de que deu mostras Foster Dulles.

Ninguém tão combatido, em sua própria pátria como fora dela. Se os Estados Unidos acertavam na política exterior, quase ninguém se lembrava de que Dulles fora o arquiteto dos êxitos alcançados. Se o contrário se verificava, se o revés marcava os esforços da diplomacia norte-americana, então não faltava quem investisse contra o Secretário de Estado, culpando-o de tudo quanto de ruim acontecia.

Foster Dulles mostrava-se indiferente à tempestade que rugia em torno dele, invulnerável aos ataques que lhe faziam, imperturbável diante dos críticos mordazes das diretrizes da sua conduta.

Por mais de uma vez, houve quem pedisse, nos Estados Unidos, a sua substituição no honroso cargo que ocupava. No estrangeiro, então, quantas vezes não se formularam apelos dessa natureza? Até parecia que da sua demissão dependia a transformação radical na posição dos Estados Unidos perante o mundo e deste com relação àquele país.

Quando se anunciou, porém, a doença grave de que estava acometido e de logo se admitiu a sua saída da alta investidura, que se viu, então, dentro e fora dos Estados Unidos?

De republicanos e democratas, de correligionários e adversários partiram as mais inequívocas manifestações de pesar pela dolorosa e lamentável ocorrência. No exterior, até do bloco comunista surgiram demonstrações de apreço ao Secretário resignatário.

Nos círculos do Ocidente, a impressão que se chegou a ter, em dado instante, foi a de que a defesa do mundo livre perdera uma peça vital, um instrumento de persuasão e ação, cuja eficácia já estivera à prova em horas decisivas.

Poucas vezes um homem público recebeu, ainda em vida, provas tão eloqüentes e confortadoras do conceito de que se via cercado, por parte dos seus contemporâneos. Dir-se-ia que para tanto contribuiu a tragédia da sua saúde, atacada por um mal incurável. Mas a consagração se caracterizou de tanta espontaneidade e expressão que ultrapassou de muito os limites de puro sentimentalismo.

Dele se afirmou, em síntese extremamente feliz: "Talvez não tenha havido na história dos Estados Unidos um Secretário de Estado mais combatido no seu país e entre os aliados do mesmo. E não houve certamente um só cujo afastamento da direção da política externa do grande país do norte produzisse tamanho pesar conjugado a maior inquietação. Censurava-se a sua rigidez e percebe-se afinal quanto de flexibilidade havia nela. Estranhava-se a sua obstinação para compreendê-la agora como devoção aos princípios democráticos. Chamavam-lhe de obstáculo à paz e já se começa a ver que sem ele talvez o mundo já estivesse em plena guerra. Combatia-se o monopólio pessoal em que ele transformara a política externa do seu país e descobre-se agora que ele formou no Departamento de Estado uma equipe que será, ao menos, uma promessa de continuidade da sua política."

Não se podia dizer melhor em poucas palavras. Eis um retrato, em ponto pequeno, do grande Foster Dulles no conturbado momento internacional em que viveu e atuou.

CHURCHILL

Guardo, da minha permanência na Inglaterra, lembranças indeléveis. Uma visita à ilha famosa constituía aspiração há muito acalentada. A sua concretização representou, por si só, um marco na existência do jornalista bisonho desta ensolarada província.

Das vertentes do Araripe às ribeiras do Cocó, a marcha não decorreu fácil. Mas foi empreendida e proporcionou ao viajor, em meio a naturais e inevitáveis dissabores, a conquista de intransferíveis venturas, que se prolongam e se ampliam no seio da família.

O contemplar a metrópole, banhada pelas águas do Tâmis, era um sonho. Como alguns sonhos, um dia se transformou em realidade. Quando menos dei por mim, lá estava naquela cidade imensa, outrora cabeça e árbitro de um império colossal, a percorrê-la em várias direções, a deter-me aqui e ali, a admirar os monumentos que se sucedem, a embevecer-me no conhecer vetustos edifícios que ressumam tradição, a sentir a vida de um povo que faz da ordem e do trabalho a sistemática da sua grandeza perene.

De Londres há muito o que falar. E se a tanto me aventurasse não esqueceria sequer o jogo de futebol, a que também compareci, em noite fria do outono a expirar. Fixar-me-ei, porém, em dois acontecimentos que tocaram mais de perto e mais fundo a minha sensibilidade.

Chegando à capital inglesa a 10 de novembro, na manhã seguinte, um domingo, saí às ruas, de automóvel, com um velho e prestimoso servidor do Foreign Office. Não havia um objetivo certo a alcançar. O que desejava era ver alguma coisa de Londres e satisfazer uma curiosidade acumulada de muitos anos.

Depois de mais de uma hora a rodar pelas ruas londrinas, o carro penetra na Trafalgar Square. Neste dado momento ouve-se o troar de um canhão. O veículo pára, os cidadãos estacionam onde se acham e, pressurosos, descobrem a cabeça. Londres, por alguns minutos, paralisa-se inteiramente e guarda um silêncio que emociona. Transcorria o 11 de novembro, aniversário da assinatura do armistício que pôs termo à I Grande Guerra. O povo, em posição de sentido, reverenciava a memória dos que se sacrificaram pela Pátria.

Dias depois, na rota do programa, estava o Parlamento. Para mim, era o ponto alto, o que despertava maior e mais vivo interesse. Iria conhecer uma casa rica de história, onde, livremente, são traçados, através dos séculos, os destinos da nação e onde ecoam, pela palavra do governo ou da oposição, os fatos registrados em diferentes regiões do mundo.

Tudo se desenvolveu além da expectativa. Dar-me-ia por satisfeito tão só em perلustrar aqueles salões ilustres, palco de cenas memoráveis, com repercussão para toda a humanidade. Mas muito mais me foi oferecido.

Assisti a uma sessão do Parlamento, a partir da procissão tradicional, que abre, diariamente, os trabalhos legislativos. Presenciei uma interpelação do líder do Partido Trabalhista. Ouvei o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, o conservador McMillan, a defender os pontos de vista do governo que chefiava.

Os debates eram conduzidos arduamente, porfiando os contendores na defesa de princípios e idéias que esposavam. Os apartes se alternavam. O Parlamento vivia em toda a plenitude das suas prerrogativas democráticas.

De súbito, tenho a atenção despertada para a porta de entrada da sala de reuniões. Transpunha-a um velhinho, corcovado, passos trôpegos, apoiado em uma bengala, charuto à boca. Dirigiu-se à bancada que integrava, tomou assento em sua cadeira e passou a acompanhar as discussões.

Fiquei a fitá-lo indefinidamente. Mas, em um milagre de transfiguração, ali não via o ancião que se despedia do nosso convívio. A imaginação recompunha um quadro diverso.

A guerra devastava a Europa. A França caíra, para surpresa geral, quase sem luta. Vários povos tinham sido subjugados, uns, sem qualquer resistência, outros, apesar dos embates que travaram. Em Dunquerque, fora desbaratado o melhor do exército inglês. A conflagração ameaçava alastrar-se ainda mais, além do próprio continente onde surgira. Era um instante de desalento, de agonia, de dor.

Do outro lado da Mancha ressoa uma voz de comando, altiva, destemerosa e brava. Nem tudo estava perdido. A Inglaterra pelejaria, como um só homem, mas não se renderia. Enfrentaria o nazismo agressor nos céus, nos mares, em terra. Se Hitler tentasse a invasão, combateria nas praias, nos campos, nas aldeias, nas cidades. E se, por infelicidade, a ilha baqueasse, transferir-se-ia para o outro lado do Atlântico e aguardaria a hora em que as forças do Novo Mundo se lançassem à libertação da Europa escravizada.

O gesto altaneiro, que a muitos pareceu de coragem suicida, galvanizou energias. A Inglaterra, aos poucos, foi-se recuperando do desastre de Dunquerque. Nos países dominados, despontou uma réstia de esperança, que precedeu o desencadeamento das atividades subterrâneas. Com os Estados Unidos e a Rússia no torvelinho da guerra, não tardou que surgissem os primeiros reveses do nazismo.

A vitória almejada resultou da cooperação aliada. Mas o que não deve o mundo ao gênio político e militar do homem que desafiou Hitler, no apogeu de seu poderio militar e no auge da sua desenfreada ambição?

Foi assim que vi Churchill, naquela tarde brumosa. Recusava-me, instintivamente, a reconhecê-lo no velhinho alquebrado que tinha diante dos olhos. Preferia revê-lo, na metamorfose inspirada por uma veneração sem limites, na postura do estadista incomparável e do herói autêntico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SANTAYANA, George. *Alternativas para o Liberalismo e outros Ensaíos*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1970. p. 16-24.
- NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949. 260 p.
- ACKERMAN, Carl W. *Precursores no Jornalismo*. In: *Jornalistas em Ação*. Rio de Janeiro, Liv. Agir Ed., 1965. p. 105-104.